

Fernão Mendes Pinto frente ao império português no Oriente

Karla Katherine de Souza Seule (UEM)

Nos séculos XV e XVI teve início a expansão ultramarina europeia, da qual os portugueses foram os pioneiros. Já nas décadas finais do século XVI eles controlavam rotas que se estendiam do Brasil à África e ao Japão. Esse conjunto de entrespostos e feitorias portuguesas na Ásia recebeu o nome de Estado da Índia Portuguesa.

Aquela região asiática fazia parte de uma rede de comércio transcontinental muito antiga que conectava regiões muito distantes entre si – do Extremo-Oriente ao Mar Mediterrâneo, do Sudeste Asiático à África Oriental. Entre os diversos produtos que circulavam em seus mercados, encontravam-se condimentos (pimenta, noz-moscada e cravo), jóias e tecidos. Neste ínterim, as principais atividades administrativas, religiosas, comerciais e políticas dos lusos na Ásia concentraram-se em portos do litoral da Índia, que, no século XVI, se encontrava dividido em vários reinos.

Com a conquista de vários pontos estratégicos na Ásia pelos portugueses, Goa (Índia) se tornou a capital dos territórios orientais de Portugal. O estabelecimento dessa base, em terra firme, só foi possível devido à contínua formação de alianças, e contra alianças com os reinos asiáticos, cujos governantes viram a possibilidade de servir-se da nova potência marítima, nas complexas lutas de poder que caracterizaram o período. (EMBREE; WILHELM, 1974, p. 199).

Nesse sentido, embora ainda muitos considerem as pretensões do Rei de Portugal de ser “Senhor das Índias” apenas uma hipérbole, era real outro título que o soberano português utilizou, “Senhor da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia”, já que no final do século XVI os portugueses controlavam uma parcela significativa do comércio dos mares orientais. E essa nova fase de relações entre Ocidente e Oriente, com o descobrimento de uma rota via mar até a Índia por Vasco da Gama, também gerou um melhor conhecimento histórico, pois, comerciantes, funcionários coloniais, embaixadores e missionários,

dedicaram preciosos serviços ao melhor conhecimento da Índia. (EMBREE; WILHELM, 1974, p. 200-201).

Um importante ator nesse palco da expansão portuguesa foi o viajante Fernão Mendes Pinto. Ele andou por parte da Índia e do Oriente por vinte e um anos. Foi nomeado embaixador, para estabelecer relações diplomáticas entre o Japão e a Índia Portuguesa e ainda em vida foi reconhecido como perito nos assuntos do Oriente. Ele escreveu a obra *Peregrinação*, onde conta as suas aventuras percorrendo os entrepostos portugueses no Índico e partes da China e do Japão.

Segundo Luís Filipe Barreto, a *Peregrinação* é uma obra que sintetiza a dimensão cultural e vida dos descobrimentos, tocando em vários tópicos: “como o informativo, novo, pícaro, satírico, religioso, crítico, etc.” e por isso, ela assume uma espécie de “juiz/juízo” das condições e destinos de Portugal e dos portugueses, quanto ao “choque-diálogo” entre o Ocidente e o Oriente (BARRETO, 1986, p.106). Afinal, a presença imperial portuguesa foi sempre um “mar de crises, choques e contradições de projetos políticos econômicos, de grupos de pressão, de interesses senhoriais e individuais, nacionais e estrangeiros” (BARRETO, 1986, p. 101). E a consciência crítica sobre os caminhos e o destino das Índias Orientais aparece constantemente nas correspondências de diferentes autores, estabelecendo-se ao longo do século XVI uma necessidade de avaliar o porquê e o como do que se alcançava e se perdia.

Enfim, os lusos atuaram, não apenas no comércio, mas no cotidiano político de alguns reinos, participando de acordos e dos conflitos locais. E durante esse processo, os interesses diversos por parte dos diferentes grupos que representavam o governo português no Índico, somaram-se, portanto, aos problemas da região. Fernão Mendes Pinto estava inserido nas relações políticas de Portugal no Oriente, sendo assim, os seus escritos possibilitam um patamar bastante favorável para analisarmos as relações entre agentes políticos envolvidos naquele processo e parcelas das populações asiáticas no século XVI.

Nesse contexto, aos poucos, o viajante português passa a olhar não só o outro, mas aqueles que lhe são próximos, a partir de perspectivas diferentes diante da realidade nova em que estavam vivendo. E é esse olhar crítico de Fernão

Mendes Pinto, relatado em seus escritos, diante do contexto da presença portuguesa no Oriente em meados do século XVI, que queremos analisar nesse momento.

A trajetória de Fernão Mendes Pinto

Fernão Mendes Pinto, nasceu em Montemor-o-Velho, em 1510, e ainda jovem foi para Lisboa, onde trabalhou para uma senhora da nobreza, por ordem de um tio. Por motivos obscuros, ele teve que fugir, encontrando uma caravela que ia com cavalos para Setubal, onde o rei D. João III estaria com toda a sua corte fugindo da peste que assolava Lisboa. Em Setubal ele encontrou um fidalgo, Francisco de Faria, a quem serviu, mas como não lhe bastava para o seu sustento, embarcou para a Índia, onde iniciou a sua “Peregrinação” pelo Índico. (PINTO, 1983, p. 15).

A sua obra é um relato de sua vida, ao partir para o Oriente em 1537, até a sua volta a Portugal em 1558, uma espécie de testamento que ele mesmo diz estar deixando para os seus filhos e curiosos a respeito dos lugares por onde andou. Em seu livro ele destacou principalmente as dificuldades que enfrentou, falando de si mesmo como uma espécie de “coitado”, que partiu para o Oriente em busca de obter alguma riqueza, e nessa procura passou por muitas aventuras, como conflitos que envolviam portugueses ou guerras regionais, naufrágios e outros perigos no mar, além dos muitos cativos que conta ter passado. (CATZ, 1983, p. 14).

Em 11 de março de 1537, Fernão M. Pinto partiu para a Índia em uma armada de cinco naus, composta por capitães particulares, entre eles, Pedro da Silva (“o Gallo”), filho de Vasco da Gama, que trouxe para Lisboa a ossada do pai, recebida com pompa pelo rei D. João III. Essa armada passou por Moçambique e dela partiram três naus do Rei para Diu (costa de Guzerate na Índia) e duas de mercadores para Goa. Mendes Pinto foi segundo ele, com as embarcações a caminho de Diu, e lá chegou no dia 3 de agosto de 1538, onde foi recebido pelo capitão Antônio da Silveira. (PINTO, 1983, p. 16-17).

Dali, Fernão Mendes Pinto embarcou para as proximidades do Mar Vermelho em uma fusta com um capitão que era seu amigo, com esperanças de conseguir grandes riquezas, mas segundo ele, não enxergando o “quão caro” isto lhe custaria e o quanto arriscaria a sua vida. No percurso ele passou por Socotorá e Massuaa

10.4025/6cih.pphuem.466

(costa do Mar Vermelho), onde ficou sabendo a respeito de uma armada turca, que ele chamava de a “nau do Turco”, que estaria liderando uma ofensiva para expulsar os portugueses do Índico. Esses turcos pretendiam, de acordo com ele, tomar Adem e ali construir uma fortaleza que abrisse caminho para a Índia. A caminho da Índia, a sua embarcação encontrou esta frota turca. Eles então foram atacados e feitos prisioneiros. (PINTO, 1983, p. 23).

Resgatado pelo capitão da fortaleza de Ormuz, Fernando de Lima, Fernão Mendes seguiu com ele para Dabul (Chaúl) e depois para Onor, onde a pedido da rainha do lugar tentaram expulsar a armada turca que estava ali presente. Porém, nessa dura batalha houve muitas perdas do lado português em um primeiro momento, o que causou revolta da armada portuguesa e em Gonçalo Vaz Coutinho, pela morte de seu filho e muitos dos seus soldados (PINTO, 1983, p. 36).

As narrativas de Pinto na sua *Peregrinação* sobre essas batalhas deixa evidente a rivalidade entre portugueses e turcos nos mares asiáticos. Assim como, a rivalidade com outros grupos muçulmanos, que ele também narra ao longo da *Peregrinação*.

Em seguida a esse episódio em Onor, Pinto seguiu para a fortaleza de Diu que também havia sido atacada pelos turcos com a ajuda segundo ele, de vários príncipes “mouros e gentios” da região. Dentre esses príncipes, Fernão Mendes Pinto fez questão de salientar que se encontrava o Rei do Hildação¹ e o Samorim de Calicute, os principais espiões dos turcos no Índico, de acordo com os seus relatos, para tristeza dos portugueses que desejavam prestar socorro a fortaleza de Diu, bem como, se verem livres dos “inimigos da nossa Santa Fé”. (PINTO, 1983, p. 39).

Fernão Mendes Pinto seguiu sua viagem através dos entrepostos portugueses na costa do Malabar. Na *Peregrinação*, ele relatou as trocas comerciais realizadas pelos mercadores portugueses que acompanhou na região, assim como abastecimento das armadas reais. Em seguida se dirigiu à Malaca com o novo capitão daquela fortaleza, Pero de Faria.

Em Malaca, Fernão M. Pinto conta que o novo capitão recebeu notícias do Rei dos Bata, que pedia ajuda contra um possível ataque dos achéns, povo que habitava a região da Indonésia chamada Achém, onde o Islã se estabeleceu pela

10.4025/6cih.pphuem.466

primeira vez no Sudeste Asiático. No início do século XVII, este era o sultanato mais rico, poderoso e sofisticado do Estreito de Malaca. Pinto conta que Pero de Faria aceitou a amizade com muito gosto, pois sabia o quanto ela era importante para o serviço do Rei, para a segurança da fortaleza de Malaca, para o rendimento da alfândega e para seu próprio proveito e dos portugueses daquelas partes em seus tratos e fazendas. (PINTO, 1983, p. 40-42).

No entanto, essa aliança não teve sucesso e o Rei Bata, de acordo com a narrativa de Pinto, lamentou sua derrota e a dos seus aliados portugueses, comparando a sua situação com outros momentos em que recordou o fato de os portugueses, segundo esse Rei, também não terem sido eficientes no combate ao poderio achém. Fernão Mendes Pinto lamenta, dizendo, de forma significativa, que esse Rei realmente estava certo, por isso nunca mais ousou pedir socorro aos portugueses. (PINTO, 1983, p. 52). O que para nós é importante, pois demonstra a presença de um olhar crítico para a forma como os portugueses estavam operando no Índico.

Fernão Mendes Pinto, depois de vários percalços na China, Japão e arredores, retornou a Malaca. Em sua volta, Pinto mais uma vez se deparou com um pedido de ajuda ao capitão daquela fortaleza. Dessa vez era o embaixador do Rei de Aarú (antigo reino em Sumatra) que pediu socorro ao capitão anterior, Estevão da Gama, para se proteger também dos achéns, mas com a sucessão de capitães, o substituto de Gama, que era Pero de Faria, não atendeu este Rei, justificando-se no fato de o acordo ter sido realizado com o seu antecessor e não com ele. Faria de acordo com Pinto, apenas despediu o embaixador do Rei de Aarú com alguns presentes que enviou através de Pinto, nomeado como seu embaixador. E sem ajuda, o Rei de Aarú teve o seu reino tomado. (PINTO, 1983, p. 66).

Novamente Fernão Mendes Pinto lamenta a ineficácia dos portugueses em socorrer aos seus aliados, com o agravante de que dessa vez, de acordo com os seus relatos, não foi ao menos feita uma tentativa de ajuda. E nas palavras que, de acordo com ele, o Rei de Aarú proferiu, observando que possivelmente o monarca

10.4025/6cih.pphuem.466

português castigaria os seus capitães, se soubesse o quanto eles foram omissos em conter o poder achém:

Certo q se o Rey de vos outros Portugueses agora soubesse quanto ganhaua em me eu não perder, ou quanto perdia em os Achens me tomarem Aarù, elle castigaria o antigo descuydo de seus Capitães, que cegos, & atolados em suas cúbicas & interesses, deixaraõ criar a este inimigo tanta força, & tanto poder, que temo custar muito do seu. (PINTO, 1983, p. 66).

vemos mais uma vez a preocupação de Pinto em registrar críticas a atitude portuguesa em território asiático. Algo que se repete, pois Pinto vai criticar principalmente a atitude de algumas autoridades portuguesas e a “frouxidão” com que o Rei português, sob uma aparente “clemência” com a qual tratava aqueles a quem deveria castigar.

Através desses episódios de crescente ameaça representada pelos achéns, Pinto explicou que o propósito desse povo era tomar o comércio das drogas de Banda e Maluco, e o controle da navegação dos mares da China, Sunda, Borneo, Timor e Japão, através de um contrato feito com o “Turco”, através do Baxá do Cairo. (PINTO, 1983, p. 76-77).

Pinto insiste que os planos dos achéns era o de tomar Malaca primeiro e depois conquistar os outros entrepostos portugueses, o que demonstra a sua apreensão com a possibilidade de que isto se concretizasse, algo que poderia causar sérios prejuízos ao comércio português, pois este era um entreposto chave do Estado da Índia Portuguesa. Preocupado com isso, Pinto reconhece que, da parte dos portugueses, ocorreram falhas que levaram a que seus inimigos fossem alcançando mais sucessos em seus objetivos.

Ele continuou sua série de viagens através do oceano Índico, passando por Sumatra e região, onde relatou suas aventuras e o fato de sempre fornecer informações às autoridades portuguesas – principalmente o de Malaca – a respeito das características gerais de cada lugar por onde passou e principalmente os produtos comerciáveis que continham em mais abundância. Entre 1539 e 1540, cumpriu a mando do capitão de Malaca, diversas missões diplomáticas em Sumatra e no norte da Malásia, ligando-se posteriormente a um aventureiro-comerciante

10.4025/6cih.pphuem.466

português, Antônio de Faria. Este com a pretensão de se vingar de um pirata muçulmano, o Coja Acém, que havia lhe roubado um carregamento, passou a perseguir seu inimigo, acompanhado por Fernão M. Pinto, por todo o sudeste da Ásia até a China, por meses. Durante essas viagens, o nosso personagem enfrentou uma série de naufrágios e abordagens de juncos, até que, finalmente, Antônio de Faria conseguiu capturar sua presa. Contudo, de acordo com Pinto, ao retornar com o carregamento que tomou do Coja Acém, Faria e sua frota, desapareceram em meio a um tufão. Da sua tripulação, restaram apenas onze sobreviventes, entre os quais, estava Fernão Mendes Pinto.

Ele resolve voltar para Malaca, de onde parte novamente como embaixador ao Estado de Martavão. Ao chegar, encontrou o lugar cercado pelo exército do Rei Brama. Fernão Mendes descreveu esse cerco e outras conquistas do Rei Brama, na região da Birmânia, em que os portugueses em vários momentos atuaram como soldados em um dos lados, ou ambos os lados, como representantes oficiais da Coroa portuguesa, ou como mercenários. Quando retornou à Malaca, Fernão Mendes Pinto foi recompensado por seus serviços e mais uma vez resolveu tentar a sorte na China e no Japão. (PINTO, 1983, p. 549-552).

Ainda em Malaca, ele encontrou o padre jesuíta Francisco Xavier, de quem se tornou amigo. Xavier havia chegado a poucos dias de Maluco e era chamado de santo por todo o povo devido a supostos milagres que teria realizado, ou que segundo Pinto, Deus teria feito através dele. Ele fala a respeito da viagem de Xavier ao Japão e da fundação de missões naquele lugar. Depois, narra os planos desse padre em desenvolver mais trabalhos missionários, agora na China, e do insucesso que teve até a sua morte as portas da China. (PINTO, 1983).

Fernão Mendes Pinto então, encerra a sua “Peregrinação” acompanhando o padre jesuíta Belchior ao Japão, segundo ele, como embaixador em nome do vice-rei Garcia de Noronha². Eles chegaram no Japão em 5 de junho de 1554 e só retornaram a Índia em 17 de fevereiro de 1557. Em 22 de agosto de 1558 Fernão Mendes Pinto finalmente retornou a Portugal. Em Lisboa se dirigiu ao encontro da rainha D. Catarina, apresentando-lhe uma carta do governador da Índia, Francisco Barreto. Ela o encaminhou ao oficial encarregado de recompensá-lo pelos seus

serviços prestados à Coroa. E assim, ele encerra a sua narrativa, decepcionado por não ter recebido aquilo que considerava ser a ele devido, porém, não culpa aos reis, e sim, àqueles oficiais que deveriam cumprir com as suas obrigações, esperando segundo ele, que seu caso fosse resolvido pela justiça divina. (PINTO, 1983, p. 717).

Vemos, portanto, na trajetória de vida de Fernão Mendes Pinto, que em meio aos perigos a que estava sujeito enquanto esteve a serviço da Coroa portuguesa na Ásia, faz algumas críticas a atitude de alguns portugueses. Esse exame feito por ele, a respeito de seus compatriotas, ficou explícito em momentos como nos seus relatos sobre os pedidos de ajuda dos reis dos Bata e de Aarú. Analisaremos agora algumas questões em torno desses episódios.

Desilusão frente ao império português no Oriente

Fernão Mendes Pinto, ao escrever uma obra onde se dedicou, segundo ele, a relatar todas as aventuras que passou enquanto percorria as possessões portuguesas no Oriente, vai fazer também uma crítica a atuação de seus compatriotas. Ao recordarmos os principais acontecimentos em torno da sua *Peregrinação*, pudemos verificar inúmeros exemplos da discordância dele, quanto às várias atitudes dos portugueses em seus entrepostos no Índico.

Lembremos sua chegada em Malaca em companhia do novo capitão daquela fortaleza, Pero de Faria, que, logo em seguida, foi surpreendido pelo pedido de socorro por parte do Rei dos Bata. O Rei queria ajuda contra um possível ataque achém e, como vimos, Pero de Faria aceita o acordo, pois vê vantagens em angariar um novo aliado para os portugueses. No entanto, em seguida, quando o acordo não tem sucesso, Fernão Mendes Pinto em sua narrativa faz um esboço do lamento feito pelo Rei Bata, que segundo ele, não estaria surpreso com este fracasso. Percebemos, com base na narrativa de Pinto, que esse Rei sustenta a sua opinião em recordações de outros momentos em que os portugueses não tiveram sucesso em acordos políticos ou sofreram ataques em suas próprias fortalezas no Índico.

Outro exemplo da crítica feita por Fernão Mendes Pinto às atitudes dos portugueses no Oriente se dá quando este retorna de viagem pela China, Japão e

10.4025/6cih.pphuem.466

arredores e testemunha outro pedido de ajuda em Malaca. O pedido agora era do Rei de Aarú, contra os achéns novamente, mas como o acordo deste Rei havia sido fechado com o capitão anterior da fortaleza de Malaca, Estevão da Gama, o atual, Pero de Faria, se recusou a ajudá-lo. Como vimos, este Reino foi atacado e o Rei morto em batalha. Porém, mesmo depois, quando a viúva do Rei pede novamente socorro ao capitão Pero de Faria, este se nega e ela acaba conseguindo ajuda de um dos inimigos na região dos portugueses, o Rei do Jantanna. Fica então aparente a intenção de Fernão Mendes Pinto em questionar a atitude dos portugueses, ao relatar todas estas críticas das quais eles estavam sendo alvo.

Rebecca Catz, em sua obra *Fernão Mendes Pinto: Sátira e Anti-Cruzada na Peregrinação*, que tem por objetivo demonstrar não como, mas “o que o autor intenta dizer-nos” (1981, p. 10), afirma que:

Logo no início da obra se nos apresenta um retrato da Índia Portuguesa em decadência, no qual os Estados aliados com os Portugueses, um após outro, são vencidos por um inimigo comum, devido aos Portugueses não honrarem os tratados de mútua amizade. A razão disso — assim nos leva a crer o satirista manhoso — é a cobiça, encoberta de hipocrisia, por parte dos Portugueses, que só estão interessados em enriquecer-se. Esta mesma crítica encontra-se em muitas outras obras quinhentistas, mas com esta diferença: a crítica é feita nelas mais ou menos diretamente. Não é esse o caso na *Peregrinação*, onde a crítica é expressa quase sempre por meios indiretos, requerendo da parte do leitor uma leitura atenta para detectar a crítica. (CATZ, 1981, p. 24).

Assim como fizemos aqui, ela também retoma o que chamou de o “episódio dos Batas” e o “episódio dos Aarús”, para exemplificar a crítica de Fernão Mendes Pinto a atitude dos portugueses no Oriente. Quanto ao episódio dos aarús, ela diz que Pinto, ao tratar da recusa dos portugueses em auxiliar o Rei contra os achéns, descreve os inúmeros protestos feitos por esse Rei. Na opinião dessa historiadora, o efeito que ele pretende obter ao falar de todos estes protestos é, naturalmente, o de chamar a atenção para o fato de que existem falhas na realidade da presença portuguesa no Índico, embora tenha o cuidado em manter uma discrição e delicadeza de sentimentos (CATZ, 1981, p. 31-32). Ela ainda ressalta que, de acordo com Pinto,

10.4025/6cih.pphuem.466

A rainha de Aarú acaba, afinal, por recuperar o seu reino, mercê da ajuda que lhe presta o rei de Jantana, com quem casa. Mas o nosso repórter objetivo vem seguidamente informar que aquele reino cairia nas mãos do inimigo em 1564. Vinte e cinco anos se viveu a vitória, no caso da rainha de Aarú, que, por fim, veio a ter sorte igual à do rei dos Batas. E, como o narrador satírico procura demonstrar por estes exemplos, a mesma sorte cabe a todas as nações que com Portugal estabeleceram laços de amizade. (CATZ, 1981, p. 34).

Dessa maneira, a repetição das mesmas críticas por parte de Mendes Pinto nos exemplos parecidos do episódio dos batas e dos aarús tem uma finalidade bem precisa. Segundo Catz,

aquilo que parece repetição enfadonha, revela-se recheado de intenção satírica — a de tornar mais extensiva e reforçar a condenação, incitando constantemente os tão empobrecidos quão cobiçosos Portugueses com visões de abundância, enquanto na figura que traça da sua *persona* flexível apresenta um distorcido retrato dos seus compatriotas, com os quais aparenta identificar-se abraçando o Mal que, de facto, condena. (CATZ, 1981, p. 46).

Concordamos com Catz que, na *Peregrinação* está presente uma crítica a forma de atuar dos portugueses no Oriente e que ela apresenta um teor religioso. Mas, enquanto Catz afirma que o autor faz uma crítica ao ideal de cruzada dos portugueses, nós entendemos que, pelo contrário, ele se preocupava com a expansão da fé católica e com o combate ao infiel. Vemos essa preocupação na sua forma como relata as suas derrotas, frisando, como já dissemos, a rivalidade entre portugueses e muçulmanos e lamentando-se profundamente quando as derrotas são para estes. Além disso, Fernão Mendes Pinto, como Catz não deixou de notar, fala o tempo todo da cobiça, mesmo que não explicitamente, dos portugueses. E a trata como um defeito que atrapalha a conversão dos gentílos ao cristianismo, pois estes percebiam que os portugueses não cumpriam com os mandamentos de sua própria religião.

Outro ponto destacado por Catz ainda na introdução dessa obra, é que, enquanto em um século (o XVI) que teve o seu início marcado pela glória para os portugueses, mas que acabou em derrota, não é de se estranhar que tenham sido

produzidas duas obras extraordinárias: *Os Lusíadas*, uma epopéia de exaltação da expansão portuguesa, e a *Peregrinação*, uma epopéia crítica e auto-crítica:

continua sendo para mim uma das ironias da história que, ao mesmo tempo que Camões escrevia a sua grande epopéia, Fernão Mendes Pinto escrevesse a sua grande anti-épica. (CATZ, 1981, p. 12).

Mas como ela observa, condenar a ideologia oficial do seu tempo era algo perigoso e por isso o autor teria, de acordo com ela, sido forçado a encobrir as suas intenções, “divertindo os leitores com uma história de viagens cheia de aventuras, entretecida do começo até ao fim com os fios mais sutis de sátira e de indefinição” (CATZ, 1981, p. 6).

Ao mencionar a cobiça dos portugueses, Pinto fala, inclusive, da cobiça dele próprio, sempre em tom depreciativo e como algo que só atrai o castigo divino. Isso fica evidente quando ele conta a respeito dos naufrágios que sofreu. Mas essas críticas teriam lhe custado um estigma que permaneceu ao longo de séculos. O fato de sua obra conter episódios que são claramente fictícios, fez com que seus críticos, ou melhor, aqueles que não aceitaram as suas críticas, utilizassem isto como arma para desmoralizar a sua obra e o apelido de “Fernão Mentos? Minto”, serviu para que ela ficasse muitas vezes esquecida. De fato, a considerarmos sua amplitude temática e suas inegáveis qualidades literárias, somente razões ideológicas muito profundas, como o culto historiográfico aos pretensos feitos civilizatórios do Império Português, explicariam a pouca atenção dada à *Peregrinação*.

Considerações Finais

Analisando portanto, os relatos reunidos na obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, gostaria de frisar que aqui só foi possível trazer alguns deles. Outros, também importantes, e que fazem parte dessa discussão tiveram que ser omitidos devido a falta de espaço. Mas, o que para nós fica em evidência, diante do recorte aqui feito e do diálogo com algumas análises de Rebecca Catz que julgamos relevantes, é que este viajante português procurou mostrar, em meio a presença portuguesa no Índico, a existência de uma série de atitudes que dificultavam o cumprimento dos objetivos oficiais da expansão portuguesa na Ásia. Percebemos a

10.4025/6cih.pphuem.466

existência no decorrer dos escritos de Fernão Mendes Pinto de uma aparente desilusão em relação à organização do Estado da Índia Portuguesa. Organização que, na opinião de nosso personagem, atrapalharia ideais de uma expansão ultramarina de ver crescer ainda mais o poderio comercial e político dos portugueses no Índico.

Referências Bibliográficas:

BARRETO, Luís Filipe. Introdução à Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. In: DOMINGUES, Francisco Contente; BARRETO, Luís Filipe. (Orgs.). *A Abertura do Mundo: Estudos de História dos Descobrimentos Europeus em Homenagem a Luís de Albuquerque*. Lisboa: Editora presença, v. 1, 1986, p. 101-117.

BOXER, Charles Ralph. *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: Edições 70, 1978.

CATZ, Rebecca. *Cartas de Fernão Mendes Pinto e Outros Documentos*. Lisboa: Editorial Presença/Biblioteca Nacional, 1983.

_____. *Fernão Mendes Pinto: Sátira e Anti-Cruzada na Peregrinação*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

10.4025/6cih.pphuem.466

EMBREE, Ainslie T.; WILHELM, Friedrich. *India. Historia del subcontinente desde las culturas del indo hasta el comienzo del dominio inglés*. Madrid: Historia Universal Siglo XXI, 1974, vol.17.

¹ Eram os reis da dinastia muçulmana de Bijapur ou Balagate, que significa “príncipe da justiça”. (DALGADO, 1982, p. 462).

² Fernão Mendes Pinto também fez parte da Companhia de Jesus, mas por motivos obscuros deixou a Companhia, no entanto, mantendo aparentemente boas relações com os membros da mesma.